Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 10 réis.

A Locomotiva

Publicações

Annuncios e communicados a 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

ANNO 1.° | **Aveiro, Quinta-feira 2 de Agosto de 1883** | NUMERO 35

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

EM LISBOA Gervasio Lobato, PORTO Luiz de Magalhães COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—**Peris Mencheta**

COLLABORADORES

Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. de Araujo e Silva, A. Fuschini, Augusto Luso, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Bernardino Machado, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Carlos L. d'Avilla, Carlos de Moura Cabral, Conde de Sabugosa, Conde de Samodães, Eça de Queiroz, Ernesto Pires, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, Gomes Leal, Guiomar Torresão, Henriqueta Eliza da Fonseca, J. de Magalhães Lima, Jayme Sèguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, J. Leite de Vasconcellos, Joaquim d'Araujo, Joaquim de Vasconcellos, José Echegaray, J. Simões Dias, Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Luiz de Guimarães, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Luciano Cordeiro, Macedo Papança, Manuel Bernardes Branco, Maria Letizia de Rute (Princeza Ratazzi.), Marques Gomes, Mello Freitas, Mendes Leal, Monteiro Ramalho, P. Gastão Mesnier, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, R. A. Pequito, Rodrigues de Freitas, S. de Magalhães Lima, Soares Franco (dr.), Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Visconde de Benalcanfôr, Visconde d'Ouguella.

Summario

Correspondencia de Coimbra por Alexandre da Conceição.
O Sr. Bispo Pina em Aveiro por L. d'A. e M.
Melancolica, poesia por J. Leite de Vasconcellos.
El ultimo estudiante por A. V.
A Lucinda Simões, poesia por Joaquim d'Araujo.
Visita do bispo por Carlos Faria.
O regicida, poesia por Ernesto Pires.
Roncal por Julio Enc so.
Comboio mixto por Carvão.
Publicações offerecidas.

CORRESPONDENCIA DE COIMBRA

Hontem, em plena Calçada e por aquelle faiscante sol das duas horas da tarde, dois professores da Universidade socaram-se valente e conscienciosamente, por uma questão qualquer dos dominios do fóro privado e que não tem nada de academica.

Não nos importa pouco nem muito com os motivos que levaram os dois illustres cathedraticos a virem assim para a rua lavar a roupa suja das suas pendencias particulares. Comprehendemos perfeitamente que dois homens quaesquer, embora os divinise a uncção theologica da borla, tenham motivos de sobejo para se esmorrarem reciprocamente as respectivas figuras no primeiro sitio em que se encontrem, quando estão no caso como os dois illustres adversarios, de acceitarem para todos os effeitos as responsabilidades e as consequencias que da irregularidade d'esse procedimento lhes possa advir. E' um facto que se lastima, mas que se não póde censurar intransigentemente sem apreciar bem os motivos que o determinaram, motivos vedados muitas vezes, pelo seu caracter privado, á investigação da imprensa. Mas o que desejamos saber, e foi para isso que tocámos n'este incidente, é se a Universidade vae processar academicamente os dois professores alludidos, como indubitavelmente processaria dois estudantes que se tivessem abalançado a uma scena d'aquella ordem, e como de facto os tem processado, condemnado e riscado por motivos de menor gravidade e de menos notorio escandalo.

Nós pugnamos agora pela integridade dos foros universitarios e pela severidade da disciplina academica, sem a qual, dizem a maioria dos senhores lentes, o professorado ficaria inteiramente desarmado perante as investidas desordeiras dos discolos e os insultos dos cabulas e dos rixosos. Mas o que não percebemos é que a legislação academica disciplinar comece juntamente no ponto em que principia o estudante, e acabe precisamente na linha em que apparece o lente. Ou ha de começar onde principia o estudante e acabar onde termina o lente, ou então não póde ter principio nem fim e entra no numero das inverificaveis hypotheses metaphysicas e é uma simples abstracção de espiritos arguciosos.

Apenas algumas horas antes de se dar esta scena de pugilato bravio em plena Calçada e em pleno dia entre dois lentes da Universidade, a sobredita Universidade mandava intimar um processo academico ao estudante do quinto anno de medicina, Eduardo de Abreu, por este ter mandado do Porto ao professor Assis Teixeira, a proposito do R lançado no acto do 3.° anno ao estudante José Ignacio Falcão, incidente em que aqui fallei n'uma das minhas ultimas correspondencias, o seguinte telegramma:

Sou o melhor amigo do talentoso e honesto academico José Ignacio Falcão. Pesarei, contarei, medirei e rir-me-hei—Abreu.

Ora nós, por mais voltas que démos a este terrivel telegramma, por mais que o sacudimos e vascolejamos, não podémos encontrar-lhe dentro nem navalhas de ponta e molla, nem bacamartes, nem rewolvers, nem chicotes, nem uma simples bengala, nem mesmo um leve sôco, nem até um platonico punho fechado. Acham-se que o telegramma tem apenas no fim uma bôa gargalhada juvenil e franca de um espirito alegre e folgasão, e não nos parece que isso seja motivo sufficiente para se tentar annullar a carreira scientifica de um homem, que no segundo anno do seu curso conquistava gloriosamente um diploma de socio da academia real das sciencias e que tem sido laureado em todas as disciplinas do seu curso, embora não podesse merecer a eleição de socio do Instituto de Coimbra, onde o sr Assis Teixeira é secretario perpetuo.

Francamente começamos a desconfiar que esta justiça universitaria tem uns alçapões que a tornam perigosa para o transito, embora a tornem apta para a exhibição de magicas de grande espectaculo, e que um funil se aproxima muito mais da forma cylindrico do que a disciplina academica, e n'este caso eu proponho que se faça d'ella utensilio de taberna, mas nunca esteio da ordem escholar e garantia da dignidade do professorado. Para isso parece-me a cousa demasiadamente suja e extremamente debil.

29—7—83.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

O SR. BISPO PINA EM AVEIRO

E' só no seculo segundo que começa a egreja christã a tomar as feições de um sacerdocio.

Passada metade d'este seculo já se distinguem os ecclesiasticos—(ordo)—do commum dos fieis (plebs)—

Os ecclesiasticos eram os vigilantes—(episcopoi)—e os presbyteros (presbiteroi) isto é, os mais velhos; e os primeiros são os que mais tarde se convertem em bispos.

Mas a ordenação até Santo Ireneu declara que pertence a todos os *justos*.

Tertulliano dá o sacerdocio como proprio dos leigos, ou seculares.

Nonne et laici sacerlotes sumus?

Por ventura nós os leigos não somos tambem sacerdotes?

Tertulliano—De Exhort. castit. VII.

Ainda então eram os ecclesiasticos eleitos por todos os fieis.

Não era pois por direito divino, que o clero exercia as funcções do seu ministerio.

O *direito* a *exercel-as*, como vemos, pertencia a todos os fieis—mas o seu *exercicio* convinha que fosse restricto a alguns, de certo aos mais dignos, e como?—por meio da eleição, que era um acto de todos.

E esta restricção, que não tinha por motivo mais do que o melhor regimen da sociedade religiosa, foi posteriormente arvorado em um direito excepcional conferido por Jesus Christo aos apostolos, e por estes aos que pretendem succeder-lhes, os srs. bispos.

III

O fundador do christianismo não constituiu nem quiz constituir uma forma sacerdotal á sua egreja.

Os apostolos tambem não se occuparam d'aquillo de que Jesus Christo os não incumbira.

Depois de prégarem e converterem um grande numero de judeos e pagãos, e tendo de continuar as suas viagens propagando o Evangelho, deixavam, como é natural, as massas convertidas entregues ou confiadas a alguns d'entre os novos christãos, isto é—aos *vigilantes*, cujo nome está mesmo a dizer o motivo e a natureza do que desempenhavam—aos presbyteros, que renovavam o ensino, e aos diaconos, encarregados de fazer a collecta das esmolas.

Entre os vigilantes e presbyteros não havia differença, ou se a havia, não passava da que podia haver entre os seus deveres, ou cuidados. Em todo o caso outra differença não se apura.

IV

Depois da morte dos apostolos ficaram os vigilantes e os presbyteros á testa das egrejas.

Ora quer os judeos, quer os pagãos estavam habituados a vêr as religiões derigidas por um sacerdocio.

E por isso era de crer que as massas christianisadas tomassem esses vigilantes e presbyteros como representantes no novo culto dos antigos levitas e sacerdotes.

E ajudando a opinião ao abuso, aquelles foram assumindo de facto um caracter e poderes que a principio não tiveram.

Mas ainda assim não se constituiram em sacerdocio no rigor d'esta palavra, isto é, como intermediarios entre Deus e os homens.

Eram apenas directores, não formavam ainda uma classe distincta, com privilegios, ou direitos especiaes exclusivos.

Santo Ireneu, tão empenhado em fazer respeitar os chefes das egrejas, affirma, comtudo, que a ordenação pertencia a todos os justos e Tertulliano, que as funcções ecclesiasticas eram um direito que podia ser exercido por todos os christãos.

Portanto a restricção d'essas funcções aos vigilantes e presbyteros não era mais que uma medida administrativa, para melhor regimen, e não um privilegio concedido por Jesus Christo.

No seculo 3.° já o clero se apresenta como uma instituição divina, isto é, affirmando que os poderes lhe vieram directamente de Deus, e não do povo.

E' S. Cypriano o promotor d'esta phase em que se adulteram os principios fundamentaes da sociedade christã.

S. Cypriano reclama para o clero os privilegios que a legislação mosaica concedeu á familia de Levi—e basta-nos esta reclamação para documento de que até ahi não eram reconhecidos nem invocados taes privilegios, e de que o santo introduzia uma novidade.

Estabelecido um principio, falso, ou verdadeiro, facil é ir até ás suas ultimas consequencias.

Desde então os ecclesiasticos tomam como exclusiva para elles a denominação de clero, quando no começo da egreja era dada a todos os christãos indistinctamente.

Os leigos começam a ser apenas um rebanho confiado á sua guarda.

S. Jeronymo contribue tambem para este reviramento, para esta affronta ás intenções bem manifestas de Jesus Christo contra a instituição de um sacerdocio.

O *Novo-Testamento* está cheio do passagens que a condemnam.

S. Jeronymo sustenta que os bispos, os padres, e os diaconos, representam a Aarão e seus filhos—Epist. LXIX e LXIV—.

Mas ainda assim tal é a força dos antigos e verdadeiros principios que S. Cypriano, contradizendo-se, declara que a nomeação dos padres deve ser approvada pelo povo—Epist. LXIV, § 3 e 4—.

E tambem na Epist. 68, e na Epist. 52 concede aos fieis a faculdade d'escolher os ministros do culto *e* de apear os indignos—ao que segundo elle estão obrigados em consciencia.

E acrescenta que os fieis gosam d'aquella faculdade por *direito divino*.

Na egreja primitiva não houve sombra de gerarchia, os padres eram iguaes aos bispos, e estes não reconheciam como superior nenhum d'entre elles.

No 4.º seculo ainda os bispos eram eleitos pelos padres, os diaconos, e por todo o povo.

S. Leão,—o grande—diz que todos devem escolher o que deve presidir a todos—Epist. aos bispos de Vienna—Capt. 5 e Capit. 6.

E o synodo de Antiochia—Can. 18, e o de Ancyra—Can. 17—decidem que um bispo á nomeação do qual o povo se oppõe, não póde tomar posse no seu cargo.

E' do seculo III em diante que o clero como classe espiritual se destaca do commum dos christãos e se arroga poderes, immunidades, e privilegios de todo o genero, com os quaes humilha todas as outras classes, até mesmo os soberanos, e se enche d'essa soberba audaciosa em que desapparece o espirito evangelico.

E' tambem desde então que a gerarchia se foi constituindo.

S. Cypriano, apesar d'inovador, não deixa de consultar os seus padres.

Mas tudo muda: os bispos tornaram-se na egreja o mesmo que eram os exarchas no estado—elles se appellidam despotas.

O clero inferior começa a ser opprimido—e perde a voz deliberativa nos synodos.

Até ao seculo III os padres eram como os bispos, e os bispos consideram se iguaes; são conhecidos os altos protestos de S. Cypriano contra o bispo de Roma que aspirava á supremacia.

Entrando em metaphysica theologica, e concedendo que os bispos são os successores dos apostolos, estes não foram senão depositarios do poder recebido de Jesus Christo e não podiam communical-o senão inteiro e indivivel como o receberam, não podiam dividil-o nem diminuil-o, e portanto assim completo e indivisivel o transmittiram aos bispos e os bispos aos padres; d'onde se segue que essas reservas que fazem os papas dos poderes concedidos aos bispos, e os bispos aos padres, são inadmissiveis.

Mas muito embora se consinta em toda essa adulteração de sociedade christã, muito embora esse poder theocratico, que ahi se levantou em um monte de abusos, não queira voltar á genuina instituição do Divino Mestre, e se lh'o consinta, ao menos portem-se os bispos de modo, que pareçam perdoaveis esses abusos, de modo que os não tornem odiosos, e revoltantes da consciencia geral, não os aggravem nos actos de sua auctoridade, tratando os parochos e todo o clero inferior com despotica sobranceria, nem affrontem o Evangelho de que são ministros.

Por ultimo observamos aos srs. bispos, que por iguaes motivos até devem renunciar a certas demonstrações de vassalagem espiritual a que estão habituados, e que tanto os lisongeam, por ex.. os beijos nos anneis, os joelhos no chão, porque, segundo o que expusemos, não se legitimam, como exclusivos, como só d'elles, os poderes a que como taes são aquellas tributadas.

(*Continua*).

L. D'A. E M.

MELANCOLICA

Para que és melancolica? Desvia
Dos teus olhos, que a linda mocidade
Cobre da luz suave da poesia,
Esse véu de tristeza e de saudade.

Se a vida se parece co' a torrente
De um rio que impetuoso se despenha
Na encosta de uma aspera montanha
E vae lançar-se no oceano ardente,

Tão rapida existencia deve acaso
Passar-se envolta n'uma sombra escura,
— Em quanto sobre nós o Sol fulgura,
Vivo, radiante... quasi sem occaso?

Não penses tu na dôr, quando se gosa,
Nem lembremos a noite, ainda de dia...
Ao goso, pois, e aos sonhos côr de rosa!
Assim que um sonho acaba, outro se cria.

(Do livro no prélo, *Balladas do Occidente*).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

EL ULTIMO ESTUDIANTE

Novella

POR

EL MARQUÉS DE FIGUEIROA

Ha-de haver mez e meio que regressando a casa, depois de concluida a minha formatura em direito, me encontrei com o author do livro que hoje gostosamente critico.—Era em viagem. O dia estava explendido, de verão, um sol claro e o ceu d'um azul de transparencia purissima.

Eu vinha de uma tristeza sombria, e, geralmente fallador, sempre muito espansivo, conservava-me calládo. A despedida da terra onde passára cinco descuidosos annos d'estudante em convivencia amigavel e franca de companheiros alegres, com a desanimadora certeza de os não voltar mais a encontrar, tinha-me posto de uma hypocondria profunda, e os ultimos abraços trocados na Pampilhosa com alguns intimos amigos que vieram acompanhar-me, tinham-me ainda mais augmentado a desolação de meu espirito.

Até ao Porto não voltára a ler os olhos do livro que estava lendo—*La Contesse Sarah*—de Georges Ohnet. Sentia-me bem ao ler aquellas primorosas discripções cheias de tristeza, que quadravam meu estado psychologico.

O comboio vinha muito atrazado, e mal havia tempo de tomar rapidamente uma chavena de leite. Os viajantes acotovellavam-se na préssa de serem primeiro servidos, n'uma desordem medonha, um charivari insopurtavel. Eu, ao ouvir annunciar:

— O comboio parte,

tinha-me resolvido a nem sequer tentar comêr ali alguma cousa e mettera-me no meu compartimento a ler socegadamente, quando entrou de repente um outro viajante e se sentou ao pé de mim. Era um rapaz novo, d'olhos azues claros, pallido, um ligeiro buço louro, de uma phisionomia sympathica de typo muito nervoso.

Comprimentamos-nos, e o comboyo partira. Abri a minha merendeira e tratei de almoçar.

— Serve-se, perguntei-lhe, indicando um pedaço de *rost-beuf*.

—Gracias, muchas gracias, respondeu-me.

Começámos então a conversar. Fallámos primeiro do Minho. Elle adorava Portugal e principalmente esta provincia: concordavamos plenamente.

Depois, já me não lembra como, passámos a fallar de Coimbra, que eu lhe descrevi formosissimas, e discutimos sciencia e litteratura moderna, fallámos de cavallos, de mulheres, de duellos, de tudo emfim, uma longa cavaqueira em que os nomes de Emilio Castellar, Moret, Pinheiro Chagas e Antonio Candido e Dias Ferreira, Sarah Bernhardt, Redsqué, Pasqua, Gema Cuniberti, Moriones, Gatechair, Cassagnac e muitos outros nos lembraram a proposito, durante duas horas de agradavel viagem.

Quando nos despedimos, estavamos amigos. Por uma engraçada coinsidencia ambos eramos bachareis formados d'ha dias, e ambos nos dirigiamos a nossas casas, elle a preparar-se para tomar o grão de doutor, eu a vir estudar processo criminal e orfanologico para ir aos primeiros concursos de Delegado do Procurador regio.

Ao despedirmos-nos, prometteu mandar-me um romance seu, gentillissima promessa que cumpriu, e de cuja leitura eu vou dizer as impressões que me ficaram.

El ultimo estudiante é um estudo da vida academica feito primorosamente e com um completo conhecimento, em 199 paginas que se leem com agrado. Ha n'elles descripções perfeitas da vida de rapaz, tão cheia de peripecias engraçadas, como de apoquentações, e o Marquez de Figueiróa approveitando-as com um fino gosto, não só produziu uma obra d'arte, mas fez tambem um livro util e bom onde pódem amenamente estudar-se os costumes da mocidade academica hespanhola, com os quaes os da nossa tem grande semilhança. Ao ler—*El ultimo estudiante*—muitas vezes me pareceu vêr nos diversos typos, a verdadeira e exacta photographia de Doutores meus conhecidos e de estudantes meus amigos.

O senhor Dr. Pedro Penedo, por exemplo tem a pag. 39 um completo e bem acabado retracto seu, no typo «*de el catedratico chapado á la antigua*», um pobre diabo velho e mouco, já quasi idiota a quem os discipulos atiram bollas de papel; e dão lição lendo-a descaradamente.

D. Ambrosio Vidal, o estudante cabula, intilligente e fallador que,—«*el libro entre las rodillas, los ojos sobre el libro recitando integro el texto com voz aguda y penetrante, que metia en los oidos del ya ufano catedrático periodos, frases y palabras*»—quem é que o não conhece desde os lyceus até ao ultimo anno da Universidade, quer repetindo uma *parafrase* de Virgilio ou lendo uma *sebenta*?

E como estes dous, muitos outros typos, todos bem descriptos e que mostram no auctor alem de um espirito observador um grande conhecimento da sua lingua.

Receba elle d'aqui, n'esse *shakehands* os meus agradecimentos pelo bem que me fez passar as duas horas em que li o seu livro, e o testimunho da minha admiração pelo seu formoso talente.

A. V.

A LUCINDA SIMÕES

Nas suas mãos de marmore nevado,
Que Phidias não talhara,
Ao cortar-lhe o contorno immaculado
Nos blocos de Carrara,

Como um sincero preito illuminado
De admiração avára,
Depondo este soneto rendilhado,
D'uma elegancia rara.

A Arte, a grande Mãe piedosa e austera,
Mergulhou-a na eterna primavera,
Immergiu-a nos philtros do luar,

Encheu-lhe a alma vasta de universos
E dá-lhe n'estes meus quatorze versos,
Uma camelia... para desfolhar...

Porto—27—7—83.

JOAQUIM D'ARAUJO.

A VISITA DO BISPO

Sua excellencia absorve todas as attenções de Aveiro. Não se falla se não do Bispo. Todas as novidades são sobre o Bispo. Nada interessa se não o Bispo.

A mim interessa-me tambem e muito. Interessa-me zoologicamente como homem de estatura desmesurada, e ecclesiasticamente como prelado novo, ostensivo e fulgurante. Interessa-me pela sua reputação de funccionario austero e de cidadão amavel e intelligente. E interessa-me pela ancia que tenho de ver o que elle faz em beneficio desta necessitada nesga diocesana, a consideração que lhe dá, o conceito em que a tem, e o juizo que lhe merecem os seus habitantes.

Sobre este ultimo ponto parece me que o Bispo anda illudido.

Aveiro não é *carola*. Tem no intimo da alma frementes crenças religiosas. Mas de fanatismo, nem de fatuos espectaculos religiosos nada quer saber se não o que elles tem de curioso para a vista. *Carolas* ha apenas 6 em Aveiro: toda a gente lhes sabe os nomes, e os bandarilha com alcunhas. Veja V. Ex.ª isto com os seus olhos, sonde-o com a sua observação

Pretender o Bispo para si, com os seus canonicos direitos, umas homenagens que Aveiro só rende a pessonificações sagradas; é errar *de fond en comble*.

Dar grande espectaculos religiosos como o de domingo é exceder os limites da crença sincera desta boa gente de Aveiro.

Eu apresento a prova evidente disto.

No domingo, de tarde entrei no templo de S. Domingos. O Bispo chrismava, disseram-me, e eu não acreditei.

Porque?

Porque o templo parecia um arraial. Aqui e alli, pelas capellas, nas bancadas, nas cadeiras da capella-mór, nos estrados, grupos de homens e mulheres em ruidosa alegria passavam o tempo. Namoros, conhecidos e classicos, ardiam na pyra do amor, perfumados pelo incenso christão e fuzilavam vivas expressões. Senhoras e tricanas cavalgavam, de amazonas, os braços e encostos dos antigos assentos dos frades. As auctoridades, e individuos officiaes, desprezando as suas casacas abandonavam-se a um tedio somnolento e rabugento. Uma vozeria escandalosa offendia a acustica com desafinações blasfemas. Na capella-mór aglomeravam-se os que apeteciam chrismar-se, com um destempero de empurrões, de sussurro, e de risinhos trocistas que são symptomaticos dos cosmoramas de feira.

E aquillo, custa dizel-o, parecia a Feira de Março.

Toda a gente o ciciava, e—o que é peior—apontava para o Bispo com esta interrogação terrivel:

— Então não è exactamente o gigante que grunhia: Soy de Verga, provincia de Salamanca, De un dolor de costado hé crecido media vara?...

Mas o Bispo, ora solemne ora com um sorriso de condescendencia para com a massada monotona que os fieis incessantemente lhe subministravam, estava respeitavel. O grupo que lhe servia de moldura, tinha algumas linhas de apreço.

A' direita do Bispo, o conego casquilho perguntava com affogo contrafeito o nome do chrismante e passava palavra em voz alta e indifferente, ás vezes dava pressas=vamos, vamos, dizia, desembaracem-se.

Por detraz uma saia vermelha tomava discretamente saborosas pitadas. A' esquerda um padre da terra, senhor da sua rotandidade e da publica antipatia, limpava os santos olios da testa dos sacramentados com um gesto officioso esmaltado de jocundo e fidalgo jesuitismo.

Esse padre nunca sahio da minha memoria desde o seguinte facto: Os viscondes de Almeidinha e Azinheira e eu foramos a Sé a convite da Camara Municipal Entrámos em grupo e em grupo nos conservámos Estávamos serios, repassados de gravidade e de attenção. Mas chegou a ceremonia do *Pax tecum* e o riso começou a metter-se comnosco fazendo-nos cocegas com as carantonhas dos padres. O visconde de Almeidinha aguentou-se, contraindo-se, dominando os zygomaticos, expondo-se a varizes. O visconde de Azinheira não teve energia para segurar os labios e expellirou uma gargalhada para cima do padre que lhe deu o *Pax tecum*, e este—o mesmo da esquerda do Bispo—disse-lhe com fulminante repreensão: Então não gostou?

Esta pergunta evitou-me um rebentar como o do pobre Azinheira, porque me enterneci, e foi de lagrimas nos olhos que recebi o *Pax tecum*.

Ora quando no domingo vi o tal padre a limpar os Sanctos olios, tive vontade do «Pax tecum», e de que elle me... limpasse as lagrimas.

Mas fechémos a descripção da ceremonia do chrisma de que fallo.

Pela multidão encanastravam-se padres de sobrepeliz. A meu lado foi um delles consultado sobre se era licito o chrisma sem preparo de confissão. A resposta foi.

— Não é costume. Mas vá.—Um secular reeitou sem protesto do clerigo:

— Póde-se confessar depois; é o mesmo.

Depois de tudo isto ha de imaginar-se que eu sou hostil ao Bispo. Engano absoluto!

Simpatiso com elle. Sei que é homem tratavel e de apreço. Por isso mesmo deploro que S. Ex.ª creia que alcança as simpatias aveirenses com exposições tão deslumbrantes como fatuas, que só são boas, e uteis mesmo, em terra de «carolas».

Aqui, em Aveiro, não ha se não 6 «carolas», como já disse. Mas cada um d'elles de per si, ou todos junctos abandonarão V. Ex.ª, as cruzes e os santos logo que eu os exponha ao meu monoculo.

As crenças d'essa meia duzia esvaem-se, e até se afundam pela terra se eu os olho por

elle monoculo, que vem a ser a cruz que os affugenta como a diabos. E note V. Ex.ª que o meu monoculo não vale o de Bordallo Pinheiro.

CARLOS FARIA.

O REGICIDA

(excerpto d'um poema em elaboração)

Passava a procissão solemnemente,
Os padres caminhavam em fileiras
E vinha, curiosa, muita gente.

Nas janellas, ornadas de bandeiras,
De varias colgaduras setinosas,
De damas que sorriam prasenteiras,

Com finas mãos de neve, vaporosas,
Desfolhavam donsellas delicadas
Sobre o prestito as mais fragantes rosas.

O ceu azul, as brisas perfumadas...
Caía o sol na curva do occidente,
Iam do Tejo as agoas socegadas.

Lisboa andava então festivamente,
Trajava sedas, oiropeis e gallas
Como as cidades ricas do oriente.

Trocavam-se, baixinho meigas fallas,
Ternos olhares de sentido enleio,
O amor reinava nas custosas sallas.

Arfava delicado o brando seio,
Onde se aninha docemente a espr'ança,
Onde estua febril um forte anceio.

Guiando a procissão que sempre avança,
Imperturbavel com umo doge antigo,
Caminha el-rey, o duque de Bragança.

Curvado o Povo está como um mendigo
Roto e esfaimado e ao ver a magestade,
D. João IV, o seu *primeiro amigo*,

Respeitoso ajoelha. A Igualdade
Que faz d'um rey um cidadão prestante
Erguido inda não tinha a sociedade.

E n'aquella postura degradante
Era acclamado *vencedor* da Hespanha
O seductor cobarde e triumphante!

Com seus bordados lenços de bretanha
Saudavam-o tambem as donas bellas
E a corte que submissa o acompanha.

Bandeiravam em arco as caravellas,
Salvavam com estrondo as fortalezas,
Cortejavam marciaes as sentinellas.

Realçando ainda estas grandezas,
Andava pelo espaço a melodia
Das musicas guerreiras portuguezas.

Depressa se mudou tanta alegria:
Mão sacrilega e occulta ha disparado
Por sobre el-rey, errando a pontaria.

—Maldicto! grita o Povo amotinado,
—Onde o traidor?, pergunta a corte irada.
Ergueu se a forca e foi el-rei vingado,
Mas chorou a Justiça envergonhada.

Porto.

ERNESTO PIRES.

RONCAL

Ultimamente tem-se fallado tanto da residencia do excelso tenor Gayarre nas suas propriedades do Roncal, que a *Locomotiva* solta todo o vapor para levar ao publico a seguinte e interessantissima correspondencia extraida do auctorisado periodico de Madrid *El Liberal*:

EN EL VALLE DE RONCAL.

Muévemo á escribir estas lineas, el deseo de dar á conocer á la mayoria de los lectores de *El Liberal* este apartado rincon de nuestra pátria, tan hermoso y pintoresco por su naturaleza, como original por sus trajes y costumbres: creo esto más interesante que esas repetidas correspondencias desde las puertos de baños ó desde alguna capital de provincia que sus fiestas celebra.

Encuéntrase situado el histôrico valle de Roncal, en lo más escabroso del Pirineo y hállase rodeado de ásperas sierras y elevadisimas montañas, sin más salida que la que abre el rio Ezca por una especie de portillo ó quebrada. La siempre pródiga naturaleza parece que ha hecho aqui un esfuerzo para dotar estas inmensas alturas de una vejetacion robusta y exhuberaute; hay un verdadero lujo de ella. Millares y millares de altos y robustos pinos y abetos, algunos de los cuales se elevan hasta ciento veinte piés de altura, pueblan el suelo confundidos con el duro avellano, el corpulento fresno, los rudos olmos, el gigantesco roble y las esbeltas hayas, teniendo á sus piés enormes y enmarañadas plantas de bojes y helechos, y destacàndose todo sobre inmensa alfombra de verde yerba.

Todo esto situado en elevadisimas montañas alguna de las cuales alcanza hasta dos mil metros de altura, hacen disfrutar a la vista espectaculo tal y tan maravilloso, que creo no haya semejante en nuestra pátria. Hermosas son ciertamente las montañas de Vizcaya y Guipuzcoa; pero no hay en ellas el sello de grandeza y magestad que se advierte entre estas gigantes hijas del Pirineo, y que dan al paisaje tal encanto y producen en el viajero nna impresion imposible de describir... Añadase á esto un clima constante, una temperatura sin frio ni calor y juzguese si muchisimos compatriotas que van buscando el verano en los apartados montes de la Suiza no encontrarian más grata frescura y mayores encantos aûn, en esta verdadera Suiza española; pues en nada absolutamente le cede; y tengase en cuenta que no es esta una opinion mia solamente sino de muchos è ilustrados extranjeros que la han visitado con motivo del ferro-carril internacional que se proyecta por este punto.

Y ya que de este ferro-carril hablo, visitando esta comarca, viénese enseguida en conocimiento de la importancia y necesidad de esta nueva via. Es no solamente una verdadera fuente de riqueza, sino que acorta considerablemente la distancía entre las dos capitales de España y Francia. Además de cuantas lineas se han estudiado por el Pirineo, es la linea del Roncal, la más sencilla y hacedera, pues no hay más que seguir la corriente de dos rios para resolver el problema de la via férrea pirenáica. Asi lo ha reconocido tambien la comision francesa que ha juzgade el proyecto del ferro-carril del Roncal como el mejor y más hacedero y más conveniente á los interéses de ámbas naciones. El paso del Pirineo por el Roncal, es el paso marcado por la naturaleza misma, no hay más, pues, que seguir á la gran maestra.

No lo sé, pero juzgo que este ferro-carril se hará y se hará pronto, pues en ello deben empeñarse entrambas naciones, puesto que está de acuerdo, como ningun otro con los interéses de las mismas.

En el punto mismo en que España y Francia confinan al pié de elevadisimas crestas, existe un valle, al que llaman Belagua, y donde se proyecta la futura estacion internacional, que no es posible exista nada más risueño, poético y encantador. ¡Que sitio más delicio... y pintoresco para la estacion de verrano...! Me atrevo à asegurar que el dia en que el ferro-carril se construya y este pais sea más conocido, está llamado Belagua ha ser uno de los más visitados y concurridos lugares de la comarca pirenaica. Al tiempo.

No quiero cerrar esta carta, sin dar á conocer una fiesta tan original y extraña que estoy segure ha de llamar la atencion de los que lean, y á la que asisti dias atrás.

A consecuencia de antiquisimas guerras entre los habitantes de los valles de Bretons, francés, y de Roncal, español, vencidos que fueron los franceses, firmóse el tratado de paz entre ámbos valles, mediante ciertas bases y condiciones las cuales desde apartadisimas épocas vienen cumpliendose con toda religiosidad. Para cumplir éstas celébrase una gran fiesta en el paraje llamado *La piedra de San Martin*, linea divisoria entre España y Francia, confin de los valles de Roncal y Bretons de àmbas naciones.

Al efecto reùnense en el citado punto los representantes y testigos de ambos valles españoles y franceses, y rodean ó cercan la expresada piedra de San Martin, todos los representantes, estando los roncaleses en el territorio de España y los bretons en el de Francia.

En esta actitud, el alcalde español, como presidente del acto, pregunta tres veces á los franceses si vienen dispuestos á pagar el tributo de tres vacas de dos años, sin tacha ni lesion alguna, asi que a conservar la paz y armonia y á observar los pactos establecidos. Contestada afirmativamente la pregunta por los franceses, juran estos ser fieles observadores siempre de lo pactado, y acto seguido, el alguacil francés coloca una lanza en posicion horizontal sobre la misma piedra de San Martin, y á continuacion el alguacil español coloca entre aquella otra lanza, introduciendo antes la punta en territorio francés; y formando entre ambas lanzas una cruz, sobre la cual pone las manos el representante francés, sobre esta mano pone la suya el representante español, y asi sucesivamente van colocándose unas sobre otras las manos de los representantes de entrambas naciones, quedando sobre todas ellas encima la del alcalde español, roncalés, el cual dice por tres veces consecutivas, «*pas avant.*»

Acto continuo, los escopeteros españoles, á una orden del alcalde español, hacen una descarga hácia la parte de Francia, y enseguida unos y otros representantes se saludan declarando libre y franco el paso entre ambos territorios; verificándose enseguida la entrega por los franceses á los españoles de las tres vacas del tributo, prévio reconocimiento del veterinario roncalés.

Tal es á grandes rasgos la fiesta aqui celebrada, y á la cual asisti en compañia de mi queridisimo y buen amigo el tenor sin rival Julian Gayarre, el cual firmó tambien como testigo el acta que de todo se extendió; y que tuvo la generosa idea de convidar á todos los de la fiesta, franceses y españoles, los cuales excuso añadir cómo vitorearian á esa brillante y pura gloria del arte lirico.

Julian Gayarre, el Fernando de la *Favorita*, el Arturo de *Puritanos*, el Raul de *Hugonotes*, el Vasco de *Africana*, el primer tenor del mundo, vive aqui en su villa natal, queridisimo y festejado por sus convecinos y haciendo la vida de sus primeros años. Con la escopeta al hombro unas veces; ginete en su caballo, otras discurre incesantemente por estos bosques y breñales, alegre, valiente, lleno de vida y con las facultades de su maravillosa voz, mas hermosa que nunca.

¡Cuantas noches al regresar juntos de alguna de nuestras excursiones á las montañas del Pirineo á la luz de esta plácida y plateada luna, he tenido que romper en estrepitoso aplauso al oirle cantar en medio del bosque inspiradisima melodia ó alguna de sus más favoritas romanzas!... Su voz sin rival, repetia aqui en medio de estos bosques y estos valles, aquellas canciones que tanto ha aplaudido el pùblico del Real; y que en medio de esta exhuberante naturaleza y del silencio y el misterio de la noche, parecian cobrar mayor dulzura y mayores encantos!...

Voy siendo demasiado largo. Desde aqui marcho à Francia por el Pirineo y haremos alto en Pau y San Juan de Luz, donde Gayarre quiere visitar a su querido amigo el señor Martinez Brau; y desde donde, si tengo tiempo y humor, tendré el gusto de volverle á escribir.

Por hoy me he extendido demasiado; y hago aqui punto final.

JULIO ENCISO.

Comboio Mixto

*

A Condessa de Cambacérès, fallecida em Paris a 26 de março ultimo deixou a seu sobrinho Mauricio Delaire de Cambacérès 720 contos e as suas magnificas propriedades de Plessis Belleville, e a cada uma de suas quatro sobrinhas 200 contos. Instituiu sua universal herdeira a baroneza de Chateaubourg

Esta opulenta condessa possuia, só na Inglaterra, uma fortuna superior a 500 contos.

*

O ministro dos Estrangeiros inglez, Lord Granville, mandou aos embaixadores e consules da sua nação uma aspera circular censurando vivamente os erros grammaticaes da correspondencia official.

Bem se diz que a Inglaterra só é repr-ehensivel na sua *egoista* politica exterior. Mas não se diz tambem que ella é o modelo da liberdade? Prohibe-se alli que cada um escreve com a syntaxe e ortographia que lhe apegavam!!!...

*

No paquete do dia 5 parte para os Açores o novo Desembargador d'essa Relação, Barão de Paço Vieira.

Este distincto magistrado foi alguns annos juiz de Direito na comarca de Aveiro, onde deixou certificados da sua rectidão e saber; e não só como funccionario publico mas tambem como homem de sociedade se fez superiormente sympathico.

Acompanha o nobre Desembargador seu filho primogenito, Alfredo, que este anno concluiu a sua formatura em Direito, e que foi sempre um estudante brilhante e um propugnador accezo dos principios generosos, nas violentas questões academicas d'estes ultimos annos.

*

Vae começar a publicar-se em Lisboa o —*Antonio Maria Junior*—Oxalá que saia ao papá com um atavismo pronunciado.

*

Já tivemos o prazer da visita do *Almanach das Senhoras* para 1884. A capa é sem duvida um *apetite*, e os artigos iguarias finas e saborosissimas. Que a sua fauctora, Guiomar Torrezão, nos perdoe o comparal a assim a Careme o celebre cosinheiro do principe de Talleyrand, do rei de Inglaterra, do imperador da Russia, do imperador d'Austria, do principe Wurtemberg, e da princeza Bragation Nem cremos que o illustre escriptor se julgue desfeitiado pondo o seu nome ao lado do auctor da *Histoire de la table romaine, Le patissier royale ancien et moderne, L' Arte de la cuisine française au dix-neuviém- siècle, Projects de architecture pour les embellissements de Paris et de Saint-Pétersbourg, etc etc.*

De Careme disse Lady Morgan, descrevendo um jantar em casa do Bothschild de Paris, de quem elle então era cosinheiro:

— Vi-o depois do café, no jardim. E' um homem instruido, bem educado, interessante. Fallei-lhe das suas obras: elle fallou-me das minhas, como homem muito erudito.

E apostamos em como a sabia escriptora Guiomar Torrezão, nunca fritou bem um ovo, apostamos o *Almanach das Senhoras* que gentilmente nos offereceu, e que guardamos como *oro en paño*.

*

Eis nas ultimas invenções do luxo parisiense:

Não parece bem ter carruagem propria, sem ter um *wagon* seu com compartimentos para a familia. A baroneza N. de Bothschild mandou fazer uma carruagem de caminho de ferro, a qual lhe custou apenas dezoito contos de reis,

Nos banhos é indispensavel possuir uma tenda de campanha, de estoffo de seda, com as cores especiaes dos brazões ou do pavilhão nacional do proprietario.

*

O capitão Webb, cujo plano de natação no Niagara annunciamos na sua temeraria tentativa.

Passou sem transtorno o primeiro *rapido*, mas o vortice serveu-o, com a sua forte juventude de 27 annos.

O afamado periodico inglez—*The Illustrated London News* faz sobre o caso duas observações notaveis.

Primeira — Incrimina as companhias do caminho de ferro por terem dado 10 contos de reis a Webb para elle assim arriscar a sua vida no Niagara.

Segunda — Accusa o governo inglez por não ter dado ao insigne nadador que atravessou o canal da Mancha, um emprego—e cita o de professor de natação da Armada,—para lhe tornarem dispensaveis as suas aventuras perigosas.

D'aqui se conclue que o heroismo de Webb era mercantil.

Pobre Webb! Pobre Inglaterra! Mas ricas companhias dos caminhos de ferro da America!

E... não poder o sr. Espergueira arranjar um Webb! Que pena!

*

Em conselho de ministros o governo hespanhol resolveu adoptar providencias sanitarias contra os navios sahidos de Inglaterra. Mas a Inglaterra acaba de montar em Gibraltar na nova bateria—Napier of Magdala—um canhão de 100 toneladas!

A' vista d'isto quem fará melhor a Hespanha defendendo-se do cholera contra a marinha ingleza, ou a Italia fazendo reconhecer pelo almirante Bahula o maior canhão que existe no mundo, e que vae ser mettido a bordo do couraçado *Italia*, para despedir um projectil de 910 kilogrammas com uma carga de polvora de 350?

Talvez os hespanhoes preferissem aplicar á Inglaterra em vez de medidas sanitarias... este canhão monstruoso.

CARVÃO.

Publicações

Publicações offerecidas á *Locomotiva*, que muito as agradece :

O collegio de S. Fiel no Louriçal do Campo, e o de Nossa Senhora da Conceição na Covilhã. apontamentos sobre o jesuitismo no Districto de Castello Branco pelo dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, lente de Medicina na Universidade de Coimbra.

Este folheto offerece importantes informações sobre a perniciosa educação jesuitica, e é uma correcção ao relatorio da Commissão de Inquerito áquelles estabelecimentos, publicado no *Povo Portuguez*.

Allocução e Discurso proferidos na cidade do Porto no dia 9 de Julho de 1883 por Bernardino Machado. Este nome, já coberto de louros na Universidade e na camara dos deputados, é uma garantia da excellencia d'aquellas orações. E com effeito n'ellas brilham os conhecimentos do professor, e os enthusiasmos do homem moderno.

O Rei do Crime—6.ª fasciculo do affamado romance de Camillo Bonheur, traduzido por Alfredo de Sarmento, e editado pela Empreza das Horas Romanticas.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n.º 11, da 3.ª Serie.

Instituições Christãs n.º 2, 2.ª Serie.

O Aerolitho, semanario de instrucção e recreio, que começou a publicar-se em Lisboa e que contem assumptos varios, de leitura agradavel.

A Mulher, n.º 20. Revista illustrada dirigida por Eliza Caodur, e com uma brilhante collaboração de escriptoras e escriptores. Para se fazer ideia do interesse e merito de esta publicação, bastar conhecer o summario do presente numero : *Maria Stuart, Chronica por Elius, Cultura das Emoções intellectuaes por Bernard Perez, Perola Preta por Fernando Caldeira, Jardinagem, A hygiene da mulhye por Dr. Ballesteros. Sociologia. A mãe de Byron e a mãe de Lamartine por Concepeion Gimeno de Flaquer, Esquife por Luiz de Guimarães, Sempre Amigos por Filho d'Almeida Ithaca por Francisco Sarcey, Album enigmatico.* Tem tambem duas gravuras, Maria Sartut e Palacio do Trocadero.

AOS VIAJANTES

OS MELHORES ESTABELECIMENTOS

EM LISBOA

Alfaiate.— Alfredo Carlos Cruz, Fanqueiros 264.
J. A. Xafredo, Rua Nova do Almada 64.
J. M. Catarro, R. Aurea. 100.
Usprung, A. Aurea, 101
Armadores e estofadores—Santos, R. Oriental do Passeio, 142.
Silva & Irmão, R. da Prata, 162.
Roubaud & Filhos, R. Aurea, 286.
Bahuleiros.—José de Carvalho, Capelistas, 15.
Banqueiros. — Fonsecas Santos & Vianna Capelistas. 120.
Moura Borges & C.ª. Capelistas, 35.
Bazares.—Valles, R. Oriental do Passeio, 156
Bijouterias e quinquilherias — Antonio Joaquim Cardoso —Bitesga, 47.
Cabelleireiros—A. Paiva, rua Aurea, 28.
A. Pinto Rua Nova do Carmo, 55.
Baron—Garrett, 61.
Silva—R. Larga de S. Roque, 43.
Cafés—Aurea Peninsular, rua Aurea.
Commercial. Principe, 69.
Grego—Caes do Sodré.
Madrid —Rua do Outeiro (Loreto), 6
Calçado—João Carlos Tann, S. Lazaro 171.
Viuva Stelpflug—Alecrim, 27
Camisarias Brumós, T. de S. Nicolau 109.
Elegante—Largo do Calhariz, 24.
Calvente, Santa Marta 222.
Carruagens de aluguer—R. Larga de S. Roque 28.
Pedro Vasques—Largo da Abegoaria, 29.
Carruagens (Fabricas de) —Encarnação — T. da Palha 72.
Gomes. R. Larga de S. Roque 116.
Navarro, R. N. da Palma, 246.
Rego, S. Francisco da Paula. 15.
Cazas de cambio.—Alves Martins, R. N. da Palma 138, e Arsenal 4.
Fonseca Arsenal 58.
Manaças, Amparo 49.
M. Bogarim, Livramento 118.
Casas de pasto.—Lima, S. Antão 73.
Ribas & Garcia, T. da Palha 213,
Chapelarias.—para homens :
Roxo, P. de D. Pedro 39.
Nomdeden.—Princepe 121.
A. Ribeiro & C.ª Garrett 58.
Amado,—Ouro 39
para senhoras e crianças:
Lisboa, Ouro 123.
Sette, Ouro 190.
Cirle & C.ª, R. N. do Almada 47.
M.me Laclan, R. N. do Carmo 18.
Banhado—Ouro 82.
Pinto & Barreiros, R. N. do Almada, 108
Confeitarias, Conservarias e Pastelarias — Dias, T. de S. Nicolau 22.
Costa, Largo de S. Domingos 21.
Lisbonense, R. L. de S. Roque 133.
Viuva Justo, Garrett 108.
Pucci, Capelistas, 122
Baltresqui, Garrett, 49
Correeiros e selleiros, — Coutinho & C. Ouro 220.
Santos, Garrett 42.
Cutileiros, — Policarpo, T. de S. Nicolau 25.
Virissimo da Silva, Loreto 22.
Espingardeiros—Imberton Filho, Ouro 76.
Gravadores—Gerard, R. N. do Desterro 40.
Horticultores—A. Diogo, Algibebes 176.
Hoteis—Alliança, R. N. da Trindade 10.
Bragança—Ferregial de Cima.
Durand—L. Quintella 71.
Español—Prata, 250.
English & Italian, T. Remolares 23.
Luveiros.—Ch. Berard, R. N. do Carmo
Costa & Sousa, Garrett 67.
Hyppolite Delaye, R. N. do Carmo 51.
Ourives.—A. Merêa, Ouro 275.
Boni & C.ª, Ouro 203,
Mourão & Irmão, Garrett 25.
Nascimento & Migueis, Ouro 273.
Perfumarias.—Praça de D. Pedro.
Ferreira Barbosa, R. N. do Almada 111
Photographias — Camacho, R. N. do Almada, 116
Rochini, P. da Agoa de Flor, 1
Muniz & Martinez, T. E. Galhardo, 26
Restaurantes — Club, T. E. Galhardo, 8
Matta; R. N. do Carmo, 102.
Vidraceiros e occulistas — Pereira, Ouro 90
Costa, Rua de S. Roque, 127
Viuva Moura, Augusta 173.

NO PORTO

Camisaria=Casa de Barcelona, rua de Cedofeita.
Casas de banho=A do Grande Hotel do Porto.
Casas de saude=A do dr. Ferreira, rua de S. Lazaro.
Carruagens de aluguer e deligencias : José Galliza.
Dentista=Romero & Recio R. de D. Pedro 20
Restaurante=Palacio de Crystal
Sapateiro=Rosa, rua do Bomjardim.
Tabacaria=Caza Havaneza, rua de Santo Antonio, esquina da rua de Santa Catharina.
Photographia=União, Pr. de Santa Thereza.
Luvaria=Portuense, rua de Santo Antonio 182-184.
Modistas=M.me Villete, rua de Cedofeita.
Oculista=Bolsom & Pombar (Viriato successor), Rua de Santo Antonio, 171.
Agencia dos Caminhos de Ferro=A Central, rua de Sá da Bandeira.
Alfaiate=Filippe Lousada, rua de Santo Antonio:
Armazem de modas. Corrêa & Martins. Cedofeita.=17
Armazem de moveis. — Cypriano, rua de Cedofeita.

Annuncios

ANNUNCIO

Constando-me que um individuo do Porto se tem dirigido a algumas casas para onde eu forneço vinhos finos, exhibindo amostras que diz serem dos mesmos meus vinhos e offerecendo-os por outros preços, DECLARO que SÓ as ditas casas os podem obter CONTINUANDO a tractar DIRECTAMENTE COMMIGO.

Julio V. d'Almeida Basto.

A MULHER

Revista Illustrada d s Famalias—Dirigida por Eliza Cardur e collaborada por notaveis escriptoras e escriptores.

Publica-se ás quintas-feiras, e assigna-se em Lisboa, Rua Nova da Trindade, n.º 10.

Preço da assignatura, por anno 1800, por semestre 950, por trimestre 500 reis.

Numero avulso 40 reis.

AS GUERRAS DE NAPOLEÃO 1.º

POR

Erchmann—Chatrian

Traduzidas e editadas pela Empreza de Romances Illustrados, rua da Fabrica 66. Porto.

A publicação faz-se por fasciculos semanaes de 8 paginas e 2 gravuras por 50 reis. Finda ella, cada assignante receberá um brinde.

Almanach das Senhoras

PARA 1884

Portugal e Brazil

Publicado sob a protecção de S. Magestade a Rainha

Collaborado pelos principaes escriptores portuguezes e brazileiros

14.º ANNO POR

GUIOMAR TOEZÃO

Este almanach tira 2 edições, uma para Portugal outra para o Brazil

O almanach abre este anno com um magnifico retrato de Camillo Castello Branco, gravado por Severini, acompanhado da biographia do grande romancista, e seguido dos retratos de : Julio Diniz, Arnaldo Gama, madame Sousa, conde de Cavour, Gonçalves Crespo, David Corazzi, Sousa Bastos, Carlos Gomes (o maestro do *Guarani*), José de Alencar, Leonor da Fonseca Pimentel, Gayarre, duqueza de Chaulnes, Luiz Guimarães, Miguel Angelo Lupi, Victor Hugo e os netos, Pedro Americo, gravuras da arte ornamental e outras.

O almanach apresenta a innovação de uma esplendida capa em chromo a côres, desenhada por Casanova e impressa na lythographia Guedes. Contém mais um augmento consideravel de annuncios dos primeiros estabelecimentos da capital, insertos na parte literaria e no fim; uma serie de problemas premiados, enygmas, charadas, anecdotas humoristicas, etc., etc.

A' venda em todas as livrarias do reino, nas provincias e ilhas. Um vol. de 336 paginas, preços : brochado 240 reis, cartonado 320 reis.

Faz-se abatimento para revender.

Redacção e deposito principal do **Almanach das Senhoras**, rua de S. Bento, 218—LISBOA.

EM AVEIRO—em casa do sr. David de Mello Guimarães

GIMNASIO E SALA D'ARMAS

Largo da Picaria 13—Porto—rua do Pinheiro, 1.

Medico — Ex.mo Sr. Dr. Victorino da Motta.
Professoro para o sexo feminino—D. Violante Stathmiller.
Professor e director—Paulo Laureti

AS PESSOAS QUEBRADAS

Com uso d'alguns dias do milagroso emplastro anthephelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplastro tem sido applicado em 36:549 pessoas e ainda não falhou.

Preço 1$500 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia a M. Monteiro.

Travessa do Noronha, 24, LISBOA

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS E CAIXA ECONOMICA PORTUGUEZA

DESCONTO de juros de inscripções complementares livres, a juro de 5 por cento ao anno, contados da data do desconto até á do pagamento na junta. Emprestimo sobre penhores de titulos de divida publica e obrigações da companhia géral do credito predial portuguez, a juro de 5 por cento ao anno.

Depositos na caixa economica em conta corrente á ordem, a juro de tres e sessenta centesimos por cento ao anno.

ANTONIO J. D'ALMEIDA ROSA

COM ARMAZEM

DE

CALÇADO DE LISBOA

382—Rua do Bomjardim—382

1. andar

PORTO

HOTEIS

MADRID—*Gran Hotel de Embajadores*, de Modesto Garcia de Alba & C.ª—Carrera de S. Geronimo 4, esquina da Puerta del Sol, e calle Victoria, 1. N'este esplendido estabelecimento, proferido pelos viajantes portuguezes e brazileiros, ha quartos de 1$200 réis para cima, e elegantes aposentos para familias, com todas as commodidades dos primeiros hoteis do mundo. Nas estações dos caminhos de Ferro em Madrid encontram-se os seus interpretes.

PORTO — *Grande Hotel do Porto* é o Principal d'esta grande e opulenta cidade, construido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em largas viagens de estudo.

Appense ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não tem segundo a Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA

SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO

PORTO—RUA DO SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no ponto mais central da cidade, proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pela porta, tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

SEVILHA—Hôtel de Europa. Elegante estabelecimiento y de modicos precios. Jardin al centro. Ventilado proprio al Oriental.

MESMA CASA

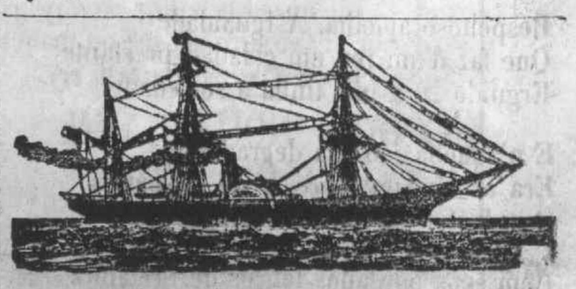
Fonda de Cadiz — CADIZ
« de Jerez — JEREZ
« de Ricca — HUELVA
« de Oriente — CORDOBA

Coches y interpretes en las Estaciones.

PROPRIETARIOS — RICCA & HERMANOS

PHOTOGRAPHIA

PORTO—Fonseca e C.ª, praça de Santa Thereza, tem um *atelier* como os primeros da Europa. Os seus artisticos trabalhos tem sido premiados nas mais notaveis Exposições.



THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Os magnificos paquetes d'esta companhia sahem de Lisboa alternadamente para o Brazil, Rio da Prata, e portos do Pacifico ás terças ou quartas-feiras. As familias para os portos do Brazil e Rio da Prata recebem um grande abatimento de preços, que todos são moderados. Pela rapidez, commodidades, e luxo estes paquetes são notabilissimos. Dão serviço medico gratuito.

AGENTES: *Em Lisboa*—64, Caes do Sodré, E. Pinto Basto & C.ª

No *Porto*—10, Largo de S. João Novo, V. Ferreira Pinto Basto.

REAL FABRICA DA VISTA ALEGRE

PORCELLANAS EXCELLENTES

premiadas nas principaes exposições

Os seus productos, iguaes aos extrangeiros, vencem-os na barateza do preço.

Tem um magnifico deposito em Lisboa, Largo do Loreto, 13; e vendedores por todo o paiz.

Dr. Van-der-Laan

ESPECIALISTA DE DOENÇAS D'OLHOS

RUA DE SANTA IZABEL 50 - LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA NEW YORK

CAPITAL 47.000.000$000

Mutuos a premios e compromissos fixos. Os segurados são os unicos proprietarios do fundo de garantia e de todos os lucros.

Esta Companhia é evidentemente mais vantajosa do que qualquer outra.

Direcção em Lisboa, 64 Caes do Sodré

Imprensa Aveirense— Largo da Vera-Cruz — Aveiro